

O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO DOS TERENA: AS MÚLTIPLAS CONFIGURAÇÕES DA FRICÇÃO INTERÉTNICA

Valdir Aragão do Nascimento*
33valdir@gmail.com

RESUMO: O artigo em questão visa apresentar as configurações em que foi gestado o conceito de fricção interétnica; levando em consideração o cenário e as motivações que o nortearam. O conceito foi criado pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira no trabalho intitulado “O processo de assimilação dos Terena”, realizado no sul do Mato Grosso em 1955 sob auspícios do Serviço de Proteção aos Índios e da Divisão de Antropologia do museu Nacional. A pesquisa foi largamente influenciada pela categoria de análise em voga àquela época: A aculturação. A pergunta que se fazia Roberto Cardoso era: Como os Terena continuavam se reconhecendo como Índios em um contexto onde sofriam as mais variadas influencias? É essa questão que norteia o trabalho do autor junto ao povo dessa etnia.

PALAVRAS-CHAVE: Fricção Interétnica, Terena, Antropologia, Aculturação, Assimilação

***ABSTRACT:** The article aims to present the settings in which was conceived the concept of inter-ethnic friction, taking into account the background and motivations that guided. The concept was created by anthropologist Roberto Cardoso de Oliveira in the work entitled The process of assimilation of Terena, held in southern Mato Grosso in 1955 under the auspices of the Indian Protection Service and the Division of the National Museum of Anthropology. The research was largely influenced by the category of analysis in vogue at that time: acculturation. The question that was Roberto Cardoso was how the Terena Indians continued to be recognized in a context where they faced the most varied influences? It is this question that guides the author's work with the people of that ethnicity.*

KEYWORDS: Inter-ethnic friction, Terena, Anthropology.

Roberto Cardoso de Oliveira (1976) esteve no sul do Mato Grosso, dado o fato de não ter havido à época a separação do estado, em 1955. Essa primeira incursão – de julho a novembro – objetivou uma avaliação do território com vistas ao levantamento de áreas, locais

* Bacharel em Ciências Sociais (UFMS), Discente do Programa de Pós Graduação em Antropologia – PPGant – da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

e comunidades que pudessem oferecer as condições necessárias às investigações etnológicas que interessavam tanto ao pesquisador quanto às instituições que financiaram a pesquisa: O Serviço de Proteção aos Índios e a Divisão de Antropologia do Museu Nacional.

Segundo Ribeiro – no prefácio à 1ª edição do livro em causa – o trabalho de Cardoso junto ao povo Terena consistiu, naquele período, em dar visibilidade a um grupo que fugia “ao interesse do etnólogo clássico, interessado precisamente naqueles grupos intocados que melhor conservam as singularidades da cultura tradicional” (OLIVEIRA, 1976, p. 13).

Sobre os Terena, o que se tem conhecimento é que eles são um grupo étnico descendente dos antigos Guaná-Chané (ou Guaná ou Chané) originários da bacia do Rio Paraguai, regiões do Chaco e do Pantanal. Sua língua tem filiação junto à família linguística aruák, como também é o caso dos antigos Echoaladi (ou Chavarana), Laiana e Kinikinau. Ainda hoje os índios mais idosos reconhecem tais termos e se distinguem – quando inquiridos – em descendentes de Laiana ou Kinikinau (EREMITES DE OLIVEIRA & PEREIRA, 2007).

Cardoso voltou ao campo em 1957 (no decorrer dos meses de outubro e novembro) com a intenção de visitar sete das onze aldeias inicialmente estudadas – retornou mais uma vez em 1958 (de julho a agosto) objetivando a análise de um contingente da população Terena que, saídos de suas comunidades originárias, viviam em cidades como Campo Grande, Aquidauana e Miranda (OLIVEIRA, 1976).

Desse trabalho nasceu o livro *O Processo de Assimilação dos Terena*¹ que teve como escopos o registro e a interpretação do processo de interação social entre a sociedade nacional e aquele povo. Interação que engendrava, à época, mecanismos socioculturais que, segundo Oliveira (1976, p. 17) “têm influído no processo menos geral e mais específico que aqui chamamos de assimilação”.

A população Terena tornara-se – nas décadas de 40 a 60² – o *locus* de preferência para a realização de estudos antropológicos matizados por inúmeros objetos e problemáticas; tais como: religião, parentesco, mitologia, organização social, dentre outros (FERREIRA,

¹ Oliveira esclarece que o livro “*Do índio ao bugre*, que tem por subtítulo *O processo de assimilação dos Terena*, é de 1976, portanto é a segunda edição, feita pela Livraria Francisco Alves, que quis um título mais charmoso, mais vendável, que a primeira edição realizada pelo Museu Nacional, em 1960, intitulada *O processo de assimilação dos Terena* – para a Francisco Alves um título muito acadêmico”. Cf. *Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira*. In: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=arttex&pid=S0034>

² Cf. *Escritos exumados – espaços circunscritos, tempos soltos*. CASTRO FARIA, Luiz de. 1998. O antropólogo Levi Marques Pereira acredita que o interesse dos antropólogos pelos Terena ocorreu uma década antes à apontada por Castro Faria. Ver *Os Terena de Buriti*, 2009, p. 24.

2002). Fato também observado por Schaden (apud, FERREIRA, 2002): “Por várias razões, a tribo Aruak dos Terena do Sudoeste do Mato Grosso, a mais populosa desse tronco linguístico e talvez de todas as que existem hoje no Brasil, vem suscitando o interesse de etnólogos interessados em aculturação”.

O interesse em aculturação, por parte dos antropólogos brasileiros, foi fortemente influenciado pelo culturalismo norte-americano; que teve origem – enquanto *escola/paradigma* – na década de 30 com a contribuição dos trabalhos de Franz Boas³. No caso norte-americano, como constata Ferreira (2002), o surgimento dessa categoria foi condicionado tanto pela dinâmica interna ao campo antropológico quanto pela realidade social envolvente; alcançando uma enorme incidência na antropologia nos Estados Unidos da América. No Brasil, a categoria aculturação, de matriz norte-americana, foi tomada de empréstimo, apropriada e utilizada por muitos cientistas sociais (FERREIRA, 2002, p. 16).

Para Peirano (1991, p. 76), as análises de Oliveira referentes aos Terena foram influenciadas não só pelo culturalismo norte-americano, mas também pelas teorias de mudança social em voga na Inglaterra. Oliveira procurou imprimir à Antropologia a mesma linha teórica que os sociólogos brasileiros estavam desenvolvendo; o que implicava deixar de lado a abordagem norteadada pelo conceito de aculturação e enfatizar as relações trazidas pelo contato⁴.

A pergunta que se fazia Oliveira (1976) era: Como um grupo indígena “aculturado” se mantinha “Índio”; dado o longo contato⁵ – desde antes de 1830, de maneira tímida, com as frentes pastorais, até seu recrudescimento em 1869 com o fim da Guerra⁶ entre Brasil e Paraguai – entre os Terena e a sociedade nacional. A resposta a que se chegou, seguindo as teorias vigentes à época, era que o índio poderia se tornar *assimilado* como resultado do processo de aculturação. O trabalho de Cardoso de Oliveira mostrou que a identidade

³ Para mais informações sobre o culturalismo norte-americano, ver: *a formação da antropologia americana 1883-1911* ed. Contraponto-editora UFRJ. Sobre os pressupostos do culturalismo, Cf. *Antropologia* In: Vagner Gonçalves da Silva. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/da/vagner/index.html> .

⁴ This concept [inter-ethnic friction] was proposed to deal with the contact between tribal and national societies, in a context in which British and American theories, respectively, of “Social change” and “acculturation” [...] Basically Cardoso wanted to imprint on anthropology the same line that Brazilian sociologists had developed. This meant to leave the acculturation approach aside and focus on the relations brought about by the contact. **[Tradução minha]**

⁵ Sobre os pormenores e nuances dessa categoria; Ver Gluckman - *Análise de uma situação social na zulusândia moderna*. In: BIANCO, Bela Feldman. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. p. 227-344.

⁶ A respeito da participação dos Terena na Guerra entre Brasil e Paraguai, consulte: Eremites de Oliveira e Pereira – “duas no pé e uma na bunda”: da participação terena na guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela Terra indígena Buriti. In www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/.../286

indígena, no caso dos Terena, persistia a despeito das trocas/mudanças culturais. Persistiu por causa das relações sociais específicas que a teoria da aculturação não levou em conta⁷ (PEIRANO, 1991, p. 78).

Entende-se por aculturação o processo pelo qual duas ou mais culturas entram em contato através de imigração, conquista; ou, ainda – nos dias atuais – das imagens na mídia, do comércio exterior; dentre outras. Tal processo pode levar a uma indistinção das características socioculturais que individualizam os grupos em contato; tornando-os um *todo* homogêneo onde não se distinguem mais aspectos socioculturais fundantes de cada grupo (JOHNSON, 1997, p. 52).

Ou, nas palavras de Altenfelder: “A aculturação compreenderia os fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos de diferentes culturas entram em contato contínuo com mudanças subseqüentes nos padrões culturais originais de um ou ambos os grupos”. Contudo, o autor acredita que aculturação não se confunde com assimilação e que esta, guardadas as devidas proporções, é apenas uma fase da primeira (SILVA, apud, FERREIRA, 2002, p. 59).

Trata-se, aqui, do conceito de aculturação, do qual Altenfelder é tributário, proposto por Redfield, Linton e Herskovits (1936); que versa sobre o contato direto e contínuo entre duas culturas, e das mudanças que implica nos modelos culturais dos grupos inseridos na situação de contato (SACHS, 1989).

Roberto Cardoso empreendeu – logo após as pesquisas de Altenfelder – um trabalho junto ao povo Terena tendo como mote central a assimilação dessa população indígena pela sociedade nacional (FERREIRA, 2002). Para tanto, define assimilação como “processo pelo qual o grupo étnico se incorpora noutro perdendo: a) sua peculiaridade cultural; b) sua identificação étnica anterior” (OLIVEIRA, 1976, p.103).

Para Oliveira, a assimilação passa a ser possível quando a população indígena, no caso a Terena, sai de sua aldeia e vai morar nas fazendas e/ou cidades circunvizinhas. Nas fazendas se adequam a uma estrutura rural; na cidade são incorporados ao sistema de

⁷ The Terena are Indians of the Guaná group living in the south of state of Mato Grosso. Their contact with the national society dates from back to the 1830's, when the first pastoral fronts reached their territory. The contacts were mostly sporadic, but after 1869 they were accelerated as a result of the end of the war between Brazil and Paraguay. [...] Given the long contact between the Terena and national society, Cardoso asked why an “acculturated” Indian group remained “Indian”. The assumption, following the theories in vogue, was that the Indian would become assimilated as a result of the process of acculturation. Cardoso's work showed that Indian identity in the case of Terena persisted despite cultural change. It persisted because of specific social relation which the theory of acculturation did not take into account. **[Tradução minha]**

estratificação e, via de regra, engrossando as camadas mais baixas; tornando-os, assim, saudosistas do “bom tempo” em que viviam nas aldeias (1976, p. 113).

Oliveira (1976, p. 111) chama atenção para a condição geracional dos Terena sob à égide do conceito assimilação quando explica que a assimilação a que se refere é das: “gerações sucessivas à do Terena emigrado de suas aldeias”. Os grupos emigrantes que continuam a se identificar com sua aldeia – ou mantendo “lotes” nas mesmas não se incluem nesse processo.

O padrão de análise social, tendo como principal paradigma a categoria aculturação, foi revisto pelo próprio Oliveira em 1976; devido aos aportes de Fredrik Barth⁸ acerca das manifestações dos fenômenos da etnicidade e da identidade étnica. O desmonte do modelo de aculturação/assimilação ocorreu concomitantemente ao reaparecimento do movimento indígena na década de 1970 – engendrando lideranças indígenas que se posicionavam como sujeitos políticos que falavam, e falam, por suas comunidades; fato que transformou o antropólogo de porta-voz a interlocutor, nem sempre tão preparado como tencionava/tencionava ser (PEREIRA, 2009, p. 32).

O movimento indígena mencionado acima teve sua origem a partir do final de 1960, quando:

[...] os movimentos sociais de afirmação de identidade começaram a eclodir – como, no caso dos índios, o pan-indianismo está aí para confirmar –, a auto-afirmação da identidade indígena passou a ser uma regra de aceitação absoluta pelo movimento. O ser índio passou a ser fonte de dignidade e de auto-valorização do “Nós tribal”. Tal como o movimento negro norte-americano cunhou-se a expressão “*Black is beautiful*”, no movimento indígena expressões equivalentes começaram a surgir. O reconhecimento da identidade do indígena como ser coletivo passou então a ser mais do que um direito político; passou a ser um imperativo moral (OLIVEIRA, 2000, p. 18). [Grifos do autor].

⁸ Sobre as teorias a respeito de etnicidade de Fredrik Barth, ver: *Los grupos étnicos y sus fronteras*. Disponível em: <http://abiertoespaciolibros.blogspot.com/2009/08/fredrik-barth-los-grupos-etnicos-y-sus.html> (Antropologia en línea <http://abiertoespaciolibros.blogspot.com/2008/07/indice.html>) Ou no livro: *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de fredrick Barth* (tradução de Elcio Fernandes). Para um contraponto às teorias de Barth, vide VILLAR, Diego. Uma Abordagem Crítica do Conceito de “eticidade” na obra de Fredrik Barth. In: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n1/a06v10n1.pdf> Quanto às críticas ao Conceito/Categoria de Etnicidade; Cf. AGIER, Michel. *Etnografias do espaço negro na Bahia*. p. 5-16 Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewissue.php?id=50>>

Em relação às teorias de Barth a respeito da etnicidade, o autor põe em relevo os aspectos generativos e processuais dos grupos étnicos; considerados não como grupos concretos, mas como tipos de organização baseados na consignação e na auto-atribuição dos indivíduos a categorias étnicas. Pressupondo o contato cultural e a mobilidade das pessoas, a abordagem de Barth problematiza o surgimento e a manutenção dos grupos étnicos como unidades identificáveis pela persistência e sobrevivência de suas fronteiras (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 112).

Em 1970 constatou-se que a pretensa assimilação de grupos tidos pelos antropólogos como *aculturados* – como, por exemplo, os Terena – não se confirmava. Fato que levou à dispersão do ideário que conformava as relações entre conhecimento antropológico e atuação indigenista (PEREIRA). Diferentemente da perspectiva dominante nos estudos de aculturação, os antropólogos envidam esforços no sentido de suplantar “perspectivas dualistas” que ensejam a oposição entre *sociedade indígena* e *sociedade nacional* (FERREIRA, 2002).

Para Pereira (2009, p. 31), em que pesem os problemas metodológicos e conceituais dos idos de 30 e 60, os antropólogos através de suas pesquisas – notadamente o enfoque dado às figurações sociais Terena – contribuíram sobremaneira com o crescimento e consolidação da antropologia brasileira; tanto no meio acadêmico quanto no campo do indigenismo oficial.

Tais contribuições trouxeram a reboque a construção de um imaginário – enquanto grupo étnico – sobre os Terena. Imaginário que até os dias atuais norteiam ações de cunho indigenistas; e que é, ainda, utilizado como estratégia de elaboração e afirmação identitária pelos próprios Terena (PEREIRA, 2009); como se pode perceber abaixo:

Em Buriti, mantive interlocução com várias lideranças terena com mais de 70 anos que exerceram o cargo de professor e tinham certo conhecimento do que foi escrito por antropólogos e historiadores sobre eles. Nas entrevistas, era comum mesclarem as narrativas orais e as histórias de vida com informações que tinham lido sobre livros. Nessas ocasiões, era comum afirmarem: “isso eu sei por que [sic] já li no livro”. Para essas antigas lideranças, a escrita está imbuída de legitimidade e autoridade, de modo que desprendiam grande esforço interpretativo no sentido de eliminar possíveis pontos de contradição entre o que era veiculado nas narrativas orais dos próprios Terena e o que foi registrado nos relatos escritos de pesquisadores. O reconhecimento da autoridade da escrita remete a complexas relações dos campos político e institucional nos quais as figurações sociais terena estão enredadas, principalmente desde que passaram a viver sob o formato organizacional das reservas (PEREIRA, 2009, p. 31)

No exposto acima, percebe-se a plasticidade da categoria *etnicidade* e, ainda, deixa compreender o caráter dinâmico que a circunda. Ficam patentes a preocupação e o esforço dos Terena em inventariar suas manifestações culturais mais antigas e transformá-las em sinais diacríticos; no intuito de que estes possam ser manejados na construção de uma identidade em que não parem suspeições a respeito de sua autenticidade.

Nesse sentido, cabe ressaltar a posição de Carneiro da Cunha (1986, p. 99): “A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função essencial e que se acresce às outras”. A autora adverte, ainda, quanto aos perigos “de tomar a existência dessa cultura como uma característica primária, quando se trata, pelo contrário, de consequência da organização de um grupo étnico; e o de supor em particular que essa cultura partilhada deva ser obrigatoriamente a cultura ancestral” (1986, p. 115).

Para essa Antropóloga, os sinais diacríticos “devem se opor, por definição, a outros do mesmo tipo”. Isso se deve à “escolha dos tipos de traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal”; ou seja: em presença dos outros grupos – e da sociedade em que se acham inseridos – acionam os sinais que melhor lhes possibilitem o reconhecimento e a distinção enquanto grupo (1986, p. 100).

Bugre – origem etimológica e preconceito continuado

O termo bugre originou-se num movimento herético, na Europa, durante a Idade Média, representando uma força contrária aos preceitos ditados pela ortodoxia da Igreja. Surgiu no século IX, na Bulgária, tendo sido batizado como bogomilismo, inspirado no nome do padre Bogomil, considerado fundador da seita herética. Aos poucos, no Mundo Ocidental, o sentido da palavra bugre vai se transportando de um mundo religioso para um mundo profano, levando consigo a ideia do bugre como o devasso, o sodomita, o pederasta, o infiel em que não se pode confiar, que representa a porção mais baixa da sociedade europeia (GUISARD, 1999, p. 92)

O bugre é descrito de forma caricatural, indicando sua proximidade com a natureza, com o mato, com o escondido, com a solidão, ao contrário do homem da cidade, aquele das multidões, que só se relaciona com a natureza em seu momento de lazer. Talvez seja o medo

inconsciente de seu próprio lado bugre, isto é, de sua própria natureza (GUISARD, 1999, p. 97).

O termo “bugre” é utilizado pela população não-indígena, segundo Oliveira (1976, p.127), “para estigmatizar os índios da região”. A respeito do preconceito enfrentado pelos índios, observa-se que:

A aparência *física peculiar*, bem como o *idioma*, criam barreiras extraordinariamente difíceis de se vencer, porquanto discriminam o Terêna por onde quer que ele vá. Isso se aplica aos índios aldeados, e em certo sentido aos de fazenda – no que se refere à fenotípia –, mais do que entre os residentes em cidades, que, em sua maioria, falam corretamente e sem sotaque o português, ao mesmo tempo que se vestem melhor, em quase nada se diferenciando do brasileiro das classes menos favorecidas. Seu próprio tipo físico o confunde com a população biologicamente mestiça que, por sua vez, jamais se atribui a condição de descendentes de índios, mas ao inverso, demonstra grande desrespeito pelo “bugre” (OLIVEIRA, 1976, p. 126). [Grifos do autor].

Desrespeito verificado pelos próprios Terena e verbalizado por um “Capitão” dessa etnia quando reclamava das humilhações a que eram constantemente submetidos pelos brancos – empregados de uma empreiteira responsável pela pavimentação da rodovia que ligava Dourados a Itapoá –, que amiúde os chamavam de “bugres famintos, preguiçosos e beberrões” (OLIVEIRA, 1976, p. 9).

Considerações Finais

O que fica patente é que o preconceito contra os povos indígenas continua em ação; bem como as dificuldades apontadas por Oliveira em 1976 e às apontadas por Guisard em 1999 que, guardadas as devidas proporções, não se diferenciam muito, dado o fato que ambas foram e são matizadas pela ignorância, pela intolerância e pelo medo.

A impressão do estigma depende da visibilidade e do conhecimento do "defeito". A partir dessa confirmação, o sujeito torna-se desacreditado em suas potencialidades, passando a ser identificado não mais pelo seu caráter individual, mas de acordo com a sua marca, destruindo-se a visibilidade das outras esferas de sua subjetividade (MENEZES, 2002).

O desprezo e o desrespeito são desses fatos que se configuram como nítidos “ferimentos morais”. E as pessoas envolvidas em situações assim configuradas sempre

poderão discernir daquilo que poderia ser um simples acidente, como uma coerção não exercida para ferir, do que seria uma agressão intencionada, percebida esta última como uma verdadeira ofensa moral e, por conseguinte, como uma negação de reconhecimento (OLIVEIRA, 2005).

Contudo, não obstante as dificuldades enfrentadas, os Terena conseguiram certo espaço junto à sociedade nacional; isso graças à sua habilidade política e traquejo social que possibilitaram – e possibilitam – que sobrevivessem e se consolidassem como um dos maiores índices de população indígena vivendo em centros urbanos (Funasa, 2009)⁹ e o segundo contingente populacional indígena em Mato Grosso do Sul, de acordo com as informações de Pereira (2009, p. 24). Talvez uma explicação para o fato consista em que “A história de interação do Terena com as diferentes frentes de expansão da sociedade nacional sempre foi marcada pela intenção deles em colaborar e ao mesmo tempo se inserir no sistema econômico, político e social estabelecido” (PEREIRA, 2009, p. 129).

Tal intenção – legítima, visto que em defesa de direitos – fica mais clara quando Pereira (2009), comentando sobre a mudança do paradigma da assimilação e a conseqüente obrigação do Estado em assegurar o respeito à diversidade étnica e cultural¹⁰, observa que “Atentos a esta mudança, os Terena iniciaram, a partir da promulgação da atual Carta Magna, um processo de revisão da relação que até então mantinham com a tradição”. Tal revisão se insere “na composição de estratégias de relação com o entorno, na busca de assegurar melhores condições para o enfrentamento dos problemas atuais, como melhores condições de saúde e educação e o acesso a porções de terra ocupadas por suas comunidades no passado” (PEREIRA, 2009).

Acerca da resistência indígena, expressa nas estratégias mencionadas, tem-se que esta assumiu formas diversas e, atualmente, o que tende a ser mais expressivo entre os Terena é o crescimento, diuturnamente, da política de resistência ao regime tutelar – ou a seus efeitos de poder mais danosos. Os Terena disputam o controle de recursos materiais e posições de poder, buscando afirmar a capacidade política indígena de controle de sua própria vida. Disputam também narrativas históricas e fazem a crítica dos estigmas sobre o índio

⁹ Cf. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena>

¹⁰ Cf. Constituição Federal de 1998 (art. 231 a 232) in http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf231a232.htm

(representações românticas, imagem de preguiçoso e etc.) e do conjunto de mecanismos concretos e simbólicos institucionalizados pelo regime tutelar (FERREIRA, 2007).

Apesar das conquistas alcançadas pelos Terena é necessário lembrar que estes ainda não estão em paz; posto que seus direitos – principalmente o direito à terra – tem sido largamente ignorados. Sucodem-se os constantes embates entre eles e o branco; ou como dizem: os *purutuya*. Os embates em questão podem ser vistos à exaustão através das mídias locais e, por vezes, nacionais; e têm como epicentro “uma antiga reivindicação terena pela ampliação da Terra Indígena Buriti, de 2.090 para 17.200 hectares” (EREMITES DE OLIVEIRA & PEREIRA, 2007, p. 17).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1986.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, Levi Marques. “**Dois no pé e uma na bunda**”: da participação Terena na guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 1 n. 2 – Universidade Federal da Grande Dourados/MS – UFGD – Dourados Jul/Dez 2007. Disponível em: <www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/.../286>

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Mudança cultural e afirmação identitária** – a antropologia, os Terena e o debate sobre aculturação. Rio de Janeiro, 2002. 117 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) UFRJ/PPGAS-MN.

_____. **Tutela e resistência indígena**: etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro. Rio de Janeiro, 2007. 420 fls. Tese (Doutorado em Antropologia Social) UFRJ/PPGAS-MN.

GUISARD, Luís Augusto De Mola. **O bugre, um João-Ninguém**: um personagem brasileiro. *São Paulo Perspec.* [online] 1999, vol.13, n.4, p. 92-99. ISSN 0102-8839. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400010&script=sci_arttext> Acesso em: 10-07-2011

JOHNSON, Allan. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1997.

MENEZES, Waléria. **O Preconceito racial e suas repercussões na instituição escola**. Fundação Joaquim Nabuco [online] nº 147/2002 agosto 2002. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/147.html>>

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena;** (prefácio de Darcy Ribeiro). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 2 ed. Revisada.

_____. **Os (des)caminhos da identidade.** *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2000, vol.15, n.42, pp. 07-21. ISSN 0102-6909. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n42/1733.pdf>> Acesso em 12-05-2011

_____. **Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral.** In: *Revista (versão eletrônica) ANTHROPOLOGICAS*, [UFPE] [online] 2005 anos 9, volume 16 (2): 9-40. Disponível em:<<http://www.ufpe.br/revistaanthropologicas/internas/volume16%282%29/Artigo%201%20%28Roberto%20Cardoso%20de%20Oliveira%29.pdf>>

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica.** Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. **The anthropology of anthropology: the brasilian case.** Cambridge, Massachusetts, June, [1981] 1991. 174 fls. Thesis (Doctor of Philosophy in the subject of Anthropology) Harvard University, USA. SÉRIE ANTROPOLOGIA Nº 110. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie110empdf.pdf>> Acesso em 01/04/2011>

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de fredrick Barth.** São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

SACHS, Ignacy. **ACULTURAÇÃO.** In. Enciclopédia Einaudi, Lisboa, Portugal IN-CM, 1989, volume. 38 – *Sociedade — Civilização*, pp. 416-429. Disponível em: <http://jmir3.no.sapo.pt/Ebook2/Aculturacao_Einaudi.pdf> Acesso em: 17/06/2011.